



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa da Galateia do Porto—Povo da Secca

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa N.º 14—R. Santa Catarina, 838—Porto

UMA CARTA

E' a respeito de um dos últimos «fundos» deste importante quinzenal, onde se diziam coisas do nosso Império.

O signalário viveu durante nove anos consecutivos na nossa colónia de Angola (em Loanda) para onde então se mandavam os degradados.

Convivi ali de perto com um oficial do exercito que estava colocado na fortaleza do S. Miguel que abrigava uma colmeia de 800 a 1.000 condenados e tive varias vezes occasião de apreciar «de visu» aquela colmeia de desgraçados que... (não digo). Que grande, que formidável seria essa obra se canalizasse para ali os seus pupilos, encaminhando-os para a grande e ingente tarefa imperial que temos de cumprir.

Poderiam daí, da aldeia dos rapazes e, por que não também das raparigas, sair mais tarde casais de colonos e quem o Estado deveria dar como prémio da sua boa conduta, umas geiras de terra para cultivar ficando propriedade do casal para toda a vida.

O Estado deveria para tal fim demarcar zonas de colonização fazendo aldeias tipo, com assistência de toda a ordem, agricola, religiosa, etc. etc.

Que formidável obra seria essa! Há, em Angola, climas admiráveis como por exemplo o Bié e o Bailundo, e a Humpata.

De resto, não acho bem a mestiçagem que por lá campeia.

E quem é que acha bem, meu senhor? Por isso mesmo, no nosso programa, está que nenhum dos pupilos da obra vá solteiro. Não-de-ir casados. Para realizar uma obra ingente, como diz, todos os assuntos são ingentes e este, o do casamento dos futuros colonos, é de todos o maior, pela sua importância social. A mulher é indispensável na colonização. Era de uma vez na cidade do Cabo. Um enorme transatlantico de Blue Funel atraca. Cachos de raparigas debruçam-se nas amuradas. Fui ver. Conversei com duzias; elas eram centenas.

Quem eram? Raparigas Inglesas. Para onde iam? Canadá. Que fazer? Empregadas do Estado. Assim se coloniza. Evidentemente que a gente não dispõe dos milhões da nossa Aliada, nem tão pouco

as nossas raparigas teem a necessária preparação para irem em chusmas, empregadas do Estado.

Não teem. Quere ouvir um caso, meu senhor, em abono deste não teem? Ora escute: Estavamos em 1912. Atracou ao Cais da Fundição o vapor «Beira», destino a Moçambique. Este «Beira», presa de guerra de dezoito, era o «Herzog» dos alemães, que veio engrassar a frota da Trapalhada Maritima, também conhecida por Transportes Maritimos do Estado. Eu embarquei. Entre os inumeros passageiros, segulam 22 enfermeiras que se diziam diplomadas (e que diploma!) pelo Hospital de S. José, em substituição das religiosas de São José de Cluny, que até 1910 trabalharam nos hospitais da Provincia.

Pois muito bem. Sabe o meu amigo, quantas enfermeiras chegaram ao seu destino? Que lhe parece? Diga lá? Olhe que eram todas diplomadas! Não diz? Pois digo eu: muito menos de metade! Era a Mouraria no alto mar. Ora justamente por eu saber que as nossas raparigas não teem formação para se darem ao respeito nem os nossos rapazes, para as respeitarem, é que pretendo formar casais.

Sabe, meu senhor, quando as ideias são honestas, interessam e ocupam a gente honesta. «O Gaiato» tem recebido muitos apertados-de-mão, pelo tal fundo. Hoje, por aquêle seu aldeias tipo que vem na carta, deixe-me dizer-lhe que também assim penso. Estamos a escolher entre os nossos rapazes, quais os déles que podem dar

tróilhas, pedreiros e pintores, fazé-los seguir para a nossa sucursal do Porto, e coloca-los nas obras de Construção Civil. Irão aos dois, com a borôa na saca, quais filhinhos-de-familia, apanhar sol, chuva e ripadas. Aprender a comer o pão com o suor do rosto, não venham a provar, amanhã, do que o diabo amassa. Carpinteiros, ferreiros e serralheiros, temos as oficinas da nossa aldeia em vias de terminar, com capacidade de fazer artistas.

Sim. Aldeias-tipo, nos planaltos a que alude. Nós queremos fazer uma transplantação. Ora dizem os entendidos que, quanto maior for o torrão, menos a planta estranha.

As nossas terras teem estado a mato, meu senhor! Abandonadas, meu senhor!

Eu também por lá andei. Não oi, nunca, a desgraça das colónias penais, porque andava lá mais para o oriente, — mas vi outras. A desgraça do funcionalismo! Os homensinhos iam de Portugal, mandados por quem estava no Poder. Também eram diplomados. Era nos Correios. Era nas Alfândegas. Era na Fazenda. Onde houvesse um livrosinho de ponto, lá estavam eles a assinar; e as terras a mato!

Meu bom senhor e amigo, esta já vai longa. Para terminar digo-lhe que num tempo em que os Ministros se metem nos comboios e nos aviões e nos vapores e vão, é porque querem alguma coisa, senão, mandavam. Tenha confiança, que eu também.

Recados a quem por mim perguntar e até lá.

Noticias das termas do Gerez

A exemplo dos mais anos, também este, fui ver se tudo estava conforme dei-xei o ano passado, e estava. Continua-se, no entanto, a falar da construção de um grande hotel, embelezamentos, comodidades, o que tudo acontecerá a seu tempo, mas não se diz quando; e é aqui que está toda a graça.

Os Hospedes, mostraram mais uma vez o seu interesse pela sorte da creança. Realizaram um leilão

à americana, onde se venderam três trastes insignificantes pela soma de 4.250\$00.

Outras lascas avulsas que me entregaram durante o tempo que ali permaneci, elevaram aquela quantia até sete contos e quê. Nada mau!

Tenciono dar volta por outras termas e praias do país, onde já se conta com a minha presença. Em nome de Deus, amen.

A força de um Padre pobre

Não é a mesma de um «pobre padre», já se vê. Falo do Padre Grilo de Matozinhos. Convidou-me para ir àquela vila, falar no teatro Constantino Nery, às 22 daquele dia. De vespera, Ele e uma Comissão, prepararam o terreno. O proprietário da Casa, cedeu. A luz foi de graça. Policia e Bombeiros, deram as suas horas e o mesmo fez todo o Pessoal Menor. Os Industriais disseram que sim e os Remediados, que também.

No fim apurou-se tudo: — quarenta e um contos de reis.

A força de um Padre pobre!

Resumo

A Campanha de inverno começou em Novembro na Rádio Renascença e terminou em Matozinhos, no Constantino Nery.

Abriu com chave de prata, fechou com chave de ouro. Não foi o entradas de leão...

Radio Renascença	17.000\$00
Coliseu	12.300\$00
Postos emissores	33.000\$00
S. João	6.309\$25
Salão Trindade	14.000\$00
Rivoli	14.565\$80
Olimpia	4.515\$30
Matozinhos	41.000\$00
Soma	142.690\$35

...sem falar no edificio das oficinas que veio através das palavras ditas na Rádio Renascença, nem em 50 contos que um Anónimo depositou no Banco, no dia seguinte às charlas nos postos emissores.

Temos à bica a campanha de verão:

Praias, termas, hotéis, norte, sul e centro.

Cantando espalharei por toda a parte...

Há, porém, uma coisa muito mais importante a esclarecer: é que pelas nossas contas que são exactas, vamos em dois mil e trinta e oito contos de despesa, espalhados pelo comércio, pela indústria, pelos operários, pelos jornalistas, pelos ser-ventes — tudo ganha a vida, só eu a perco!

Com vista à mãe aflita

O Virgílio está bem. É feliz. Quere trabalhar e tem amor ao trabalho.

A sua actual ocupação é a limpeza de um pátio que temos perto da cosinha, do forno e de uma banca de pedra que ali se encontra. Em Outubro, frequentará a nossa escola. Que mais quere vocemecê?

O amor de Mãe não deve ser de macaca, que chega a matar os filhos por muito os encostar ao peito. O verdadeiro amor de Mãe, compraz-se no bem de seu filho. Ora entendeu? Pois então deixe a gente em paz.

Um pequeno perdido

CHEGOU-NOS aqui um pequenino perdido.

—Que é do teu pai?
Está na cadeia.
—E a tua mãe?
—Fugiu-me.
—Que fazias tu?
—Andava por lá.
Fugiu-me, disse o pequenino. Aquella me indica posse.

Ele sente-se espolado de um bem que lhe pertencia. Se fôra capaz de chorar agora, no ver a notícia no papel, como eu chorei então, ao senti-la no coração do desditoso, —és felix

Da revista Tabú

Em Paço de Sousa há, como se sabe, uma instituição rodeada da mais ridente paisagem, num local de paz vergiliana, onde rapazinhos de hoje se preparam para a vida de amanhã.

Um padre dedica-se à tarefa que se impôs: a educação dos gaiatos, fornecendo-lhes as armas com que triunfarão na luta pela existência.

Não conhecemos obra mais bela, nem mais perfeitamente construtiva.

Tirar o rapazinho da rua, fazer-lhe esquecer vícios contraídos, insuflar-lhe hábitos de trabalho, de método, de higiene, ensiná-lo a amar os outros e amar-se a si próprio, eis os principais escopos dessa generosa obra que é mister auxiliar para que ela tenha a continuidade necessária. O Comércio pode e deve ajudar.

Libertar um rapazinho da miséria é arrancar ao monstro da ruína social uma futura vítima, e prepará-lo para os combates a que a evolução humana compelle, é a mais alta forma de filantropia que pode exercer-se.

«Colocar os pupillos do Padre Américo nos vários ramos que a actividade comercial patenteia; oferecer à Casa do Gaiato os géneros e artigos de que ela necessita, tais como subsistências, roupas, calçado, utensílios, livros onde possam instruir-se e educar-se, são modalidades de bem-fazer. Gustavo Le Bon, o grande e saudoso filósofo francês, disse que a Educação é quasi o unico factor da evolução social de que o Homem dispõe.

Mas, para que a Educação se faça, tornam-se indispensáveis os recursos materiais, e estes recursos o Comércio, em nosso enten-

NOTÍCIAS DIVERSAS

O Cavalheiro portuense que ofereceu a capela da nossa Aldeia, com a qual já dispundeu, até hoje, a linda soma de 103 contos, deu-me autorização de fechar o contracto dos vitrais com a Casa Antunes daquela cidade, por dezoito contos de reis. O cálice de ouro, pede vitrais; uma coisa e outra, exige o culto público que os mortais devem, por justiça, ao Rei Imortal dos séculos. Esta afirmação por justiça, é rigorosamente teológica, e daqui nascem os males imponderáveis de que necessariamente (outro termo adequado) enfermam almas que o não querem prestar. Não são, necessariamente, os vitrais nem é tão pouco o ouro, que fazem a obra da rua ser o que hoje é. O que está por detrás, isso é que é.

Quam mal avisados não andam os que neste ponto derrotam; quam mal avisados os que esperam o acreditam no rendimento social das obras humanas, sem a chispa do divino!

EU tinha aqui no meu quarto de dormir o *stoké* do fogo para a nossa festa de S. Pedro, o qual *stoké* era do mil e quinhentas bichas de rabião. Pois foram lá os ratos! Ninguém me tira da cabeça que foi o Alfredo; ele é o dos quartos. Foi esperto o *ladrão*; abriu cuidadosamente uns três pacotes delas e tirou de cada, umas tantas. Fêz aquilo muito bem feito. Eu cá

achei um roubo delicioso—bichas de rabião! Um garoto das ruas, a roubar bichas! Se a gente pudesse alterar o decálogo, eu havia de pedir uma excepção no sétimo mandamento.

E' esta a terceira vez, dentro do curto espaço de meia hora, que o Rio Tinto vem aqui ao meu quarto de trabalho, implorar:

—Deixe-me botar um fogueiro; só um!

IA acontecendo aqui um grande desastre. Foi o caso que o Júlio veio passar a nossa Casa a noitada de S. Pedro. Vinha com o fato que lhe deu o senhor das botas.

Depois da ceia e antes de sair para o arraial, teve o enidado de trocar as calças por outras de estimo, e aqui foi precisamente onde ele evitou o desastre de ficar sem elas. Incendiou-se-lhe a algibeira, cheia de bichas! O rapaz desata a fugir—*ai Jesus que eu morri!* Mas não morreu.

Foi muito bem feito. Os professores contaram-me, depois, que ele andava propositadamente a reinar com eles atirando-lhes bichas das de estoirar;—e ia estoirando!

CHEGOU-NOS outro amor mais pequenino em idade e maior na tragédia. Tamanha que nem se diz!

AGORA mesmo oigo tropel, corredeiras além. Era uma chusma de Gaiatos a gritar.

—E' gato.
—Mas não é.
—Mas é.

Era um mocho!

Zé Eduardo fôra ao correio—naquela hora achou no caminho a ave, semi-morta. Os passarinhos, são a terrível tentação desta tropa. O que nós aqui passamos, não é de contar a ninguém.

—Oh rapaz, que trazes aí?
—Um passarinho que o Carlos me emprestou.
—Já p'ró ninho!

O Carlos, o cozinheiro n.º 1, mandou hoje para o meu jantar uma maçã assada, num prato de ir ao forno, coisa deliciosa. E' por causa da dieta do Geroz. Dizem os médicos que a gente deve guardar a bôca tantos dias quantos lá esteve, e como eles de longe-a-longo acertam, faze-lhes a vontade. Pois a maçã era um mimo. Mandei eu perguntar ao Carlos, pelo servente, o que é que ele queria, em paga.

—Uma bola como a do Elvas.

Ora aqui é que está. A do Elvas foi comprada na Casa Lino mas eles dão-me todas quantas lá tenho ido buscar. E eu não devo abusar. Temos de fazer outro contrato. Além disso, não acho nada certo um cozinheiro a pedir uma bola! Ainda se fôsse o seu ajudante, não faria tanto reparo, mas o cozinheiro-chefe! E' falta de organização.

O nosso Zé Maria de Cinfães, mal convalescente de uma, caiu noutra: malhou abaixo de um escadote e partiu um braço.

O Diário do Governo comunica que foi creado o 2.º lugar de professor na escola de ensino primário da Casa do Gaiato das Ruas do Porto. Felicitemos a nação.

VENDA DO JORNAL

A da vila de Paredes foi sublime; tantos, quantos e duas assinaturas e um fato da mocidade e muitos recados para a nossa Comunidade, os quais agora se retribuem.

A da cidade do Porto atestada, no dizer do Elvas. E agora, por Elvas; ele faz o seu maior negócio nos electricos, ali à roda da Praça, e informa que às vezes, os Condutores refilam. Eu acho este termo um nadinha irreverente, da parte do informador. Eles cumprem, e nada mais. Ora eu venho pedir áqueles bons Senhores que me dão o *passé*, uma vez que tanto pezam na empreza, o subido favor de porem aqui suas preciosas mãos.

O Licínio, vendeu 55 *Gaiatos* e recebeu 18\$ a mais. O António, ficou em 28 e 3\$30. O Manuel, foi a 160 numeros e 27\$40. O Júlio anda muito por baixo; 60 exemplares e 12\$. Quem o viu e quem o vê! Verdade é que ele mal podia caminhar, por via das queimaduras das bichas na noitada de S. Pedro, como noutro sitio se relata. O Rui, 161 numeros e 66\$. Este rapazi-nho dormiu 3 anos na mangedoura de um presépio! Teve uma esmola de 20\$ anónima. O Zé, trouxe uma assinatura, vendeu 166 jornais, recebeu 87\$ de acrescimos e regalou-se de tomar café com leite, mal-lo Rui, na *Palace*, a convite de um nosso amigo. O Luciano vendeu 66 e recebeu 14\$ de ajudas. O Ferreirinha, 47 jornais, e 9\$50. O Zé Francisco, fritou-me em Paço de Sousa para ir vender—*que eu cá em Lisboa também me atirava*, e afinal de contas—40 jornais e 2\$50! O Amadeu 346 *Gaiatos* e 60\$ de ajudas.

Como nas grandes romarias do Minho, também aqui se guarda o melhor fogo para o fim.

A nossa festa de S. Pedro

Foi precisamente como a do ano passado—um inferno! O prato do dia, foi batatas com carneiro.

Pois meus senhores, aqueles mesmos gaiatos que nos mais dias têm a obrigação de as descascar, o que fazem em horas de veludo, naquele, no dia da festa de S. Pedro, foi o cabo dos trabalhos para os segurar na cosinha, e comeu-se uma hora mais tarde! A culpa não era toda deles; maior é a de quem lhes põe a festa às portas:—Ele tambores. Ele foguetes. Ele bichas. Ele Rio Tinto a berrar—*já botei um foguetel!*

Da noitada não se fala. Inaugurou-se a luz. Entrou cá a luz. Vamos a ver se agora, com esta luz, se enxergam melhor a *Casa do Gaiato*, pois que não tem sido lá muito bem vista.

No nosso campo de futebol dezenas de rapazes rabiavam ao som de bichas de rabião. A' meia noite e quê, luzes apagadas. A alvorada despontou com as caixas mal-lo bombo, manuseado por quem anda afeito. Eu estava em cima, na casa-mãe, a observar. A' frente, o Grupo dos tocadores e o homem do morrão. Atrás, os garotos, a tomar conta do lugar onde caiem os foguetes.

Não há máscaras. Não há atitudes. E' tudo conforme sai das mãos do Creador, para o bem da creatura. Ora a isto, meus ricos senhores e minhas ricas senhoras, (em sociedade é ao contrário) a esta sorte de festas, chamo eu, sem desprimor para as vossas — *Festas de Caridade*.

DO QUE NÓS necessitamos

Mais 500\$ e mais 10\$ em *O Primeiro de Janeiro*. Mais um anel de ouro. Mais um dito. Tenho notícias de mais duas alianças e um anel, entregues na Casa de Miranda. No Gerez, também me deram algum ouro e agora tenho a dizer aos meus leitores que deem o seu ouro a outros, que já não preciso de mais. Mais uma carta de Chaves com 500\$ do meu primeiro ordenado e muito obrigado por me dar ocasião de fazer bem com a minha humilde oferta. Estas coisas não se comentam! E' o lume que faz a cinza. Eu acredito no lume que está por debaixo. Acredito na intenção recta, na palavra dada, na generosidade, no sacrifício, no amor.

Quando, na cidade do Porto, fui pedir a capela da nossa aldeia ouvi da boca do Senhor que no-la ofereceu um *muito obrigado, padre, por se ter lembrado de mim!*

Eu acredito no lume, por isso mesmo quero soprar a cinza, para que o mundo também acredite. Mais de Abrantes uma encomenda roupas. Mais 20\$ pelo meu exame. Mais uma caixa de figos do Algarve. Mais uma carta do *Carócas* a comunicar uma remessa de jogo da malha, com peças feitas por Ele. Todas não. Umas tantas, foram feitas por um torneiro da terra. O *Carócas* ficou muito admirado quando o artista, ao saber do que se tratava, fez uma redução no preço. Eu cá, não. Sei quanto valem os Humildes, meu senhor. De uma vez, topei um pescador às portas da morte, sem braços e sem pernas, que tudo lhe levou uma doença terrível. Aninhei-me ao pé dele. Estávamos sós.

Ele teria uns 40 anos, tismados do mar. Falamos da vida eterna. —A's vezes, disse-me em simples conversa, levava para casa um peixe da lota, escondido do arrais! Senhor *Carócas*, eu quiz ajoelhar-me aos pés do gigante decepado, e adorar a Humildade dos desconhecidos.

Noutro dia houve uma festa na Bolsa do Porto. Condecoraram-se Trabalhadores. Eu não fui, mas estive lá.

Não sei que tenho no peito, meu senhor, que tudo quanto pretende ser, me faz mal. Quando vejo a sardinha com um filho na canastra e outro ao cólo, não beijo a terra que ela calca com medo de ir pra cadeia; mas adoro.

Por aqui, senhor *Carócas*, já pode tomar ponto de quanto sofre no meio dos mortais quem todos os dias assiste ao *arrume-se p'ra longe que eu quero passar!*

Tudo quanto é grande aos olhos do mundo, aos de Deus é abominação.

Mais dois cestos de fruta de Guilhufe, mais um dito de Paço-de-Sousa, mais também de Paço-de-Sousa um cesto de legumes e três frangos. Mais 20\$ de visitantes. Mais 20\$ idem. Mais uma pancadaria de migalhinhas de um grupo de operários.

Mais 176\$ em *O Comércio do Porto*. Mais 300 de Lisboa—e mais nada.

NOTÍCIAS PAGAS

Beatriz do Couto Faria e Maia da Câmara, Ponta Delgada, 25\$; Elias Adolfo Moniz, 20\$; José Marques Gomes, 30\$; Humberto Alves da Costa Monteiro, 40\$; Liga Portuguesa de Profilaxia Social, 20\$; Natália Gomes Ferreira, 20\$; Alfredo Augusto Cepeda, 100\$; Dr. Francisco Campos, 50\$; Maria Teresa G. Ribeiro Nobre, 100\$; Ateneu Comercial, 100\$; Amélia do Carmo Vinhas, 25\$; Juventude Antoliana, 40\$; Lar da Providência, 50\$; Francisco Fernandes Guimarães, 100\$; —todos do Porto. Ezequiel Ruela, 20\$; José Augusto Miranda, 20\$; Manuel Maria dos Reis, 20\$; —todos de Agueda. José Rufino, Alijó, 40\$; José Baptista Lobo, Alijó, 50\$; Guilhermina C. Lopes Dias Ferreira, 20\$; Maria Guilhermina Laroche Semedo, 20\$; Amélia Simões Ornelas, 30\$; Albino Abranches, 100\$; Arminda Borges de Almeida, 35\$; Maria Simões Anjos, 20\$; Madame Ribeiro, 100\$; Maria del Pilar Sotto Mayor Santos, 50\$; António Cândido Osório Junior, 35\$; Virgínia Paccetti Miguel, 25\$; João Paulo Freire, 25\$; Maria Luísa da Silva Neves, 25\$; Elvira Casqueiro, 25\$; Eng.º José de Lucena, 20\$; Dr. Francisco Caeiro S. S.; —todos de Lisboa. Casa do Povo, Sobreira, 30\$; João Manuel de Campos, Sobreira, 25\$; P.º Virgílio Martins dos Santos, 20\$; Maria da Conceição Mendes Godinho, 50\$; Higinio Otho de Queiroz e Melo, 50\$; Maria Narcisa da Mata Almeida Graça, 40\$; —todos de Tomar. Libânia Oliveira Santos, 20\$; Maria do Carmo Tudella, 24\$; Maria Carolina Macedo Pinto, 24\$; Constança Gonçalves, 24\$; Luciano de Magalhães, 50\$; Alberto Bogonha, 60\$; Helena Gomes Teixeira, 20\$; —todos da Foz do Douro. José Maria Coelho Fernandes, S. Braz de Alportel, 25\$; Henriqueta Maia, Crestuma, 20\$; Maria Carlota Malheiro da Nobrega de Melo, Mascarenhas, 40\$; José Joaquim Azevedo, Lamego, 24\$; Dr. Manuel Nunes Fernandes, 50\$; P.º José Pires Afonso (1944-45), Guimarães, 50\$; Maria Eduarda Godinho Mirrado, Mição, 50\$; Dr. João António dos Santos Sarraia, Sernache do Bonjardim, 20\$; José Dias Jacob, 20\$; Maria Fernanda Jorge Fernandes, 25\$; Maria dos Prazeres Rocha, 25\$; —todos de Vila N. de Gaia. Hermínia Valente Louro Morais, Moura, 40\$; Fernando Laborinho, 20\$; Maria da Conceição Pinto da Mota, 25\$; Helena Pinto, 25\$; Maria Carreira, 25\$; Eng.º Pompílio dos Santos Varanda, 30\$; —todos de Coimbra. Dr. Albino dos Reis, Miranda do Corvo, 20\$; P.º João J. Alvares de Moura, Alcanais, 100\$; Lucinda Maria Tavares, Cano, 25\$.

Dr. Joaquim Augusto Vasco, Covilhã, 40\$; Maria Laura Baptista Rodrigues, Covilhã, 100\$; P.º José Martins Rôlo (1944-45), Vila de Rei, 70\$; Anselmo Alves Borges, Paço de Sousa, 100\$; Augusto Oliveira Bastos, Oliveira de Azeméis, 25\$; Olinda Maria Landreza R. Oliveira, da Oliveira de Azeméis, 30\$; Maria Lucília Gutierrez Caeiro, (1944-45), Evora, 100\$; P.º Alvaro Vaz Quintal da Cunha, 50\$; P.º Norberto Vaz Quintal da Cunha, 50\$; Dr. João Mendes Abranches, 50\$; P.º José Maria Cabral, 50\$; Dr. Manuel Sebastião Cibril, 50\$; P.º António Mendes Fernandes, 40\$; P.º António Graveiro Viegas, 20\$; P.º Alfeu dos Santos Pires, 30\$; todos da Guarda. José Pedro, Calorico de Basto, 50\$; Fábica Silva, Alves Carvalhal, 50\$; P.º José Martins Alves, 50\$; Capitão Pinto Coelho, 40\$; Vasco Marques Alves Carvalhal, 30\$; Dr. José Alves Dias, 25\$; Agostinho Marques Alves Carvalhal, 20\$, todos de Paços de Brandão. Párcos de Vila Nova do Caira, 40\$; Tenente João Mano, Funchal, 20\$; Anselmo José Lopes Ferreira, Aveiro, 50\$; António André Rêdes, 20\$; Serafim Brites, 20\$; António Ramos, 20\$; Manuel Coentro A. Cerqueira, 20\$; Ricardo Mielro, 20\$, todos de Ovar; Hotel Lusitano, Luso, 100\$; P.º José Pereira Lopes, Serpins, 50\$; Silvina de Azevedo, Esposende, 25\$; Celeste Maria Cutilino Lopes, Vouzela, 100\$; Dr. Manuel José Moreira da Quinta, Barcelos, 100\$; Maria Bastos, Barcelos, 40\$; Manuel G. Barreto, Monção, 25\$; Maria Barreto, Monção, 25\$; José Vidal Sasta, Castelo Branco, 30\$; P.º António Joaquim Ribeiro, Bragança, 40\$; Maria Adriana de Menezes Faro (1945-46), Vila Real, 45\$; Maria Isabel Macedo, Montemor-o-Novo, 25\$; Maria Amélia Santos Cildado, Lourenço Marques, 100\$; Juventude Escolar Católica, Faro, 34\$; Dr. Artur Manuel Flores (1944-45), Alfândega da Fé, 50\$; Victor Carreira, S. João da Madeira, 20\$; Manuel Nicolau da Costa, S. João da Madeira, 100\$; P.º José de Castro Torres, Póvoa de Lanhoso, 50\$; Marçal Coelho, Pedras Salgadas, 50\$; José Gil Cadima, 50\$; Branca da Câmara Carvalhal e Silva, Estarreja, 20\$; Glória de Sousa Gonçalves, Paredes, 25\$; Maria Adelaide Semblano Pinto Brochado, Cinfães, 50\$; Joaquim Pereira Delgado, Fundão, 20\$; António dos Santos Marques, 20\$; Menino Rui Jorge Castanheira Martins, Enxabarda, 20\$, Rodrigo Ferreira, Oliveira do Bairro, 50\$, Joaquina de Vasconcelos Sousa Machado, Viana do Castelo, 20\$; Maria Alice do Nascimento Novais Parada da Gonta, 50\$.

O nosso fogão

Se ainda não está, vai por estes dias ser exposto na "Stand" do Peixoto Alves, à Rua Sá da Bandeira. O seu preço é de 39 contos. Eu já lève o dinheirinho dele na mão, quando me deram para esse fim, mas como antes da sua chegada, chegasse outras necessidades, gastei-o. Quem não faz contas é assim.

Vai vê-lo. É uma peça que honra a firma que o fabricou. Vai. Quem sabe se o nosso Bom Deus não terá um segredo para te dizer na ocasião! Ele é para fazer caldo. Um caldinho quente.

Quantos dos nossos jamais o comeram, enquanto andavam por lá! Vai vê.

Recebemos em Paço-de-Sousa, de um cavalheiro que ali reside uma vitela de raça, que vai ser fonte de alimento precioso. O Maximiano de Abrantes, tomou conta.

Foram à sucursal do Porto perguntar se já tinhamos a máquina de costura e como lhe dissessem que não, responderam que sim. Parece ser suécia pelo nome. O Senhor que no-la ofereceu—Esse não tem nome! A gente pasma, de observar coisas tão bem feitas.

Ultimas notícias

Um episódio

Aqui há tempos, veio ter à nossa Casa um vagabundo epilético, que mostrava ser de dezoito anos. Ficou por algum tempo. Escrevi para os Irmãos de S. João de Deus, de Barcelos, mas disseram que não havia lugar.

Foi-se embora. Semanas volvidas, aparece de novo à nossa portaria.

Como já conhecesse os cantos da casa, entrou e roubou um bandido que nos tinham oferecido. Ora acontece que eu, do Porto e a caminho de Matosinhos, onde ia falar, telefonei para Paço de Sousa a ordenar que 4 galatos tomassem um carro ligeiro e fôssem ter comigo àquela vila, ajudar no pedatório, e assim se fez.

No caminho, encontraram o ladrão, a tocar. Mandaram parar.

Eram o Amadeu de Elvas, o Oscar, o Zé Eduardo e o Francisco João.

Desceram. Deram sobre o rapaz e tiraram-lhe o instrumento das unhas. Quem o alheio veste...

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR

JOSÉ
EDUARDO

Conforme anunciamos no jornal anterior deu-se o encontro entre o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato contra o Grupo Desportivo da Casa do Povo da Sobreira. Este encontro foi infeliz porque perdemos 4-2 a primeira derrota fora de casa. Além disso já tivemos muitos jogos fora mas sem infelicidade para nós. Tivemos direito de perder porque pequenos como nós eramos não podíamos enfrentar um grupo tão potente como eram os da Sobreira. Para lá partimos no comboio que vem da Régua e que passa em Cete a uma hora, e com a esperança de ganharmos porque não sabíamos que iamos enfrentar um grupo que tinha os jogadores já com bigode e já faziam a barba, e alguns já eram casados e já tinham filhos. Quem foi conosco foi o Sr. P.º Fatela e o Sr. Almeida. Em antes de começar o desafio estivemos a jogar o Ping-Pong, em que o Luciano bateu o melhor ping-ponguista da Sobreira por 2-1 e o Júlio bateu também por 2-1 a melhor ping-ponguista da Sobreira.

A nossa linha alinhou:

Amadeu, Maximiano, José Sá Gari, Lisboa, António, Oscar, Luciano, Rio Tinto, Pepe e o Elvas.

O nosso juiz de campo foi o Carlos de Tábu. Uma família lá da Sobreira ofereceu-nos a merenda que foram ameixas, um pessego e um bocadinho de brã. Só disputamos o desafio às seis e meia, porque estava muito calor às cinco horas que era a hora que estava marcada para o encontro. O Sr. P.º Fatela disse que a gente apesar de perder jogamos melhor do que eles, e eu concordo com ele. O marcador dos dois tentos foi o Luciano que era o avançado-centro. A primeira parte acabou com dois a zero a favor dos Sobreirenses.

A segunda parte acabou com 4-2. O Lisboa na primeira parte fez um potentoso remate mas por infelicidade foi ter às mãos do guarda-rêdes. Parecia mesmo que o guarda-rêdes tinha na mão um iman que atraía bolas. Jogamos tam correctamente que só tivemos em todo o encontro um corner.

Ainda mais outra carta

Com a presente venho trazer a minha pequenina pedra para o grande monumento que em tão boa hora se propôs levantar e pedir-lhe um favor; era se me trocava a direcção pois, como o jornal, às vezes, chega ao sábado de tarde e eu não estou para o receber, é entregue com a correspondência ao meu patrão o qual se aborrece com isso e censura por andar com essa «porcaria», admirando-se de eu dizer que ganho pouco e ter dinheiro para isso! Como se o ordenado fosse só para pagar pão!!!

Esta carta é preciosíssima, como índice social. Não se comenta.

Do que nos vai ter à Casa do Porto

Seis litros de petróleo, 25\$ em dinheiro e mais um caixote de ameixas de Ermezinde e mais uma panela e uma caçarola e mais uma mobília completa de quarto de dormir e mais coisa nenhuma.

Outra carta

Elas são tantas, tantas, todas a dizer que sim. Serão os tempos que fazem os homens ou estes o tempo? Eu cá pasmo do que me dizem na cara e por escrito. Se não fôra a luz interior que o nosso Bom Deus me tem concedido, já há muito que estava cego, e acreditava.

Outros, mais espertos, têm caído! Ora vamos à ela. É do assistente de uma casa de rapazes, em Bragança.

Aproveito também a oportunidade de dizer que estou adotando o seu método educativo. Não sei se quer fazer "escola", creio mesmo que não.

Centudo, à sua maneira de actuar seduz-me e leva-me a seguir as suas pegadas. Se vê nisso qualquer inconveniente agradeço um esclarecimento.

Não senhor. Não quero fazer escola. Não poderia fazê-la. Não sei. A *minha maneira de educar* é fornecida pelo próprio rapaz. É ele quem me dá todos os elementos.

Cada um dá os seus, pois que não são nada geométricos. E daqui nasce que se actua diferentemente.

Sim, Padre, interesse os seus rapazes, eu ia a dizer os seus filhos, nos trabalhos domésticos. Mande-os aos recados. Confie-lhes missões. Dão bota? Não se importe. Maior bota seria ocupar mercenários.

Não lhes esconda nada. Não lhes feche nada.

Não lhes ponha a mão, a não ser para acariciar.

É preciso um castigo por coisitas ligeiras? Chame o pequenino chefe. A coisa foi grave? Chame-o ao seu quarto e converse.

Foi gravíssima? Chame-o outra vez e chore.

Foge um? Dois? Três? Deixe ir. Sofra caladinho. O pequenino fugitivo, diz lá fora que passa fome, que leva pancadas, que trabalha muito? Pois que há-de ele dizer, para se justificar! Quem há que admita as suas culpas? Que formação tem o pequenino para dizer a verdade? Se a tivesse não fugia!

O povo acredita, e fala, e censura, e quer botar abaixo, e acode pelo menino? Sofra outra vez, agora muito mais caladinho.

Os seus colegas dizem que não? Oh que riqueza!

Tem pressa de qualquer trabalho? Quere uma panela de batatas descascadas num instante? Coloque um prato vazio deante de cada um e diga: *Vamos a ver quem enche mais depressa!*

Casa de trabalho, sei eu que se chama a sua casa. Muito bem. Ixe a bandeira. Faça o dito verdadeiro.

Mande-os dar esmolas aos pobres, da vossa despesa. A creança morre por dar. Isto sim, que é escola. Escola de bondade, realizada por eles. Vivida por eles.

É o divino a transparecer.

E aqui tem os meus esclarecimentos. Ou cuida que eu gostaria de fazer caixinha do invento? Ou receie que outras obras cresçam? Ou me venham a faltar as esmolas para aqui, por muito falar daí?!

Não, meu caro colega e amigo. Há muitos anos que perdi o juízo, para me guiar pela prudência do mundo! Se ainda tem algum juízo, peça a Deus que lho tire, para ficar na marca. Há-de ver como tudo, depois, muda, só o meu amigo não. E mais nada.

"O GAIATO", foi visado pela Comissão de Censura

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

por João Carlos

O pobrezinho do Vale Salgueiro está cada vez pior e como não podia sair de casa já há muito tempo que não se desobrigava. Na segunda-feira foi lá o Senhor Padre Adriano e ele recebeu os sacramentos. Tem seis buracos no peito e nas costas que doem muito constantemente. Temos-lhe dado muitos remédios mas ele cada vez está mais doente. O pobrezinho da estação precisa muito de roupa; porque tem muitos filhos e são muito pobres. Temos dado sempre as esmolas aos nossos pobres coisa com que eles ficam muito contentes. Os nossos subscritores também nos têm pago a sua cota.

A tia Laurinda já tem um catecismo para o filho aprender a doutrina. A tia Inocência esteve sempre na cama e por isso nós fomos-lhe lá levar o comer. O velhito das Miãs também nos pediu pomada adimida e nós já lhe levamos e ele agradeceu-nos muito porque aquela pomada faz-lhe muito bem. Há uma pobre-zita na Ribeira que anda toda róta por causa do marido porque não lhe dá nada para ela se vestir nem para dar de comer às filhas que tem. Há uma senhora na Ribeira que se interessa muito pela ti Inocência. Quando ela esteve doente foi ela que a tratou e gastou mais de 50\$00 com ela em remédios e coisas para ela comer. Se vós puderdes mandar alguma esmolita para os nossos pobres a nossa conferência agradece-vos muito nas suas orações pedindo pelos nossos benfeitores e pobres.

O Secretário,

João Carlos Freitas.

III

Fizeram hoje exame da 3.ª classe o Adriano de Tomar, o Luís de Coimbra, o Zé Maria da Covilhã, o Chico de Arganil, o Fontes da Figueira da Foz e o Carlos do Porto. Ficaram todos bem. Quando chegaram cá a casa traziam uma dúzia de foguetes. Depois o Sérgio e o Zé Pedro é que os deitaram. A tarde veio o Senhor Padre Américo e mandou comprar mais outra dúzia. No dia dezasseis começam os exames dos alunos da 4.ª classe. Da nossa escola os que vão são: o João Carlos de Lisboa, o Bernardino de Coimbra, o Fernando de Coimbra, o João dos Olivais.

III

Na quarta-feira à tardinha veio o Senhor P. Américo. Já há dois meses e meio que cá não vinha. Fomos esperá-lo à estrada da Louzã e ficamos todos contentes. A primeira coisa que ele fez foi ir ver o nosso milho. Depois abraçou o Sérgio e perguntou-lhe se estava bom. Apreciou muito o nosso batatal dizendo que estava muito bonito. Depois foi à nossa piscina ficando muito contente porque era muita a água que lá corria, talvez mais do que em Paço-de-Sousa.

III

O Sérgio e o Camilo andaram a tirar batatas noutro batatal que nós temos. Deu muitas batatas e grandes, graças a Deus. Agora já não as compramos porque estão muito caras.

III

As colónias de férias começam no dia dez. As casas para onde os rapazes vão, já estão quasi arranjadas.

Tem lá andado a trabalhar o carpinteiro, três pedreiros e três gaiatos. Ficaram bonitas. Vem três grupos de trinta rapazes da rua e um grupo de meninas. Cada turno está quinze dias. Vamos agora começar a carregar camas, mantimentos, lenha, lavar as casas para estar tudo pronto quando eles vierem.

III

A nossa galinha já deu pintalhos. Só escaparam seis. São muito engraçadinhos. A mãe já os largou. Já comem sôzinhos e andam sempre à procura de bichitos para comerem. Já temos também seis patitos muito pequeninhos. Andam sempre na relva e no rego da água mas já não querem saber da galinha.

III

O Augustito foi a Coimbra ao médico. Ficou lá 5 dias em casa de uma senhora que o cá tinha metido. Andou lá quasi sempre a chorar em quero ir para a minha casa. A casa dele é a Casa do Gaiato. Já voltou e vem melhor.

O Ardina

Suplemento do «Galato», feito por ardinas, para os ardinas, galatos e... grandes! na «Casa do Ardina» — Calçada da Glória, 39 — Lisboa

Uma apresentação...

Eu sou o João Soares, e chamo-me o «Barriganas» porque sou muito comilão. Um dia, cai dum eléctrico, fui para o hospital e o condutor foi comigo, acompanhar-me; foi uma coisa que me deu quando andava na venda. Estive lá uma noite, bebi um copo de leite e ao outro dia já estava bom e foi-me a minha mãe lá buscar. Isto era antes de eu vir para a «Casa do Ardina». Nessa altura, era mau em casa; só jogava a bola e não queria fazer recados, e até fui preso por andar sempre pendurado nos carros. Agora ainda me porto às vezes, mal, principalmente nas aulas, pois às vezes, não me apetece nada trabalhar. Chego à aula e digo à Senhora que não quero estudar nem fazer nada, mas afinal lá vou fazendo e estas manias não-de passar!

João Soares — 10 anos.

Uma máxima...

Outro dia vi um ceguinho que ia de encontro a um candieiro e tive pena dele e levei-o até a casa porque acho que o melhor que a gente pode fazer é boas acções. E também acho que o pior que um homem pode fazer, é ser ladrão.

Manuel Câmara — 13 anos.

Uma reportagem desportiva...

O «Santana Foot-Ball Club» convidou-nos a ir jogar no domingo no seu campo de desportos. Ganhamos, deram-nos um bronze, mas o maior prémio é termos dado bom exemplo para o desporto em Portugal, para que ele se faça com justiça e camaradagem cristãs.

Foi esta, pois, uma data memorável para os 11 Unidos da «Casa do Ardina».

E... o apêlo do costume!

Vai hoje em tom de acção de graças, no começo e de prece no fim...

É que, graças a Deus, já temos o dinheiro para as obras e montagem da segunda «Casa do Ardina» em Lisboa (a casa cedida por Sua Ex.ª o Ministro das Finanças).

Suas Ex.ªs o Ministro das Obras Públicas e o Sub-Secretário de Estado da Assistência Social também quiseram auxiliar-nos.

A Junta Central da L. P. ouviu-nos e concedeu-nos um bom par de contos. Muitos particulares enviaram-nos a sua cota-parte.

Eis-nos a caminho de mais uma realidade: a segunda «Casa do Ardina».

Falta-nos com que a sustentar, bem como à primeira.

Alguém nos perguntou há pouco: «Como vão os orçamentos da «Obra do Ardina»?»

Respondemos a rir: «Se quere referir-se a orçamento-cálculo de receitas e despesas no principio de cada mês, esta desequilibradíssima... Apenas contamos com 750\$00 de receitas certas e perto de 5.000\$00 de despesas igualmente fixas, que, breve, se multiplicarão, por aí fora; mas se se refere a orçamento-saldo de contas do fim do mês: não temos uma dívida, graças a Deus! E esperamos continuar assim...»

E que contamos com a tua generosidade, leitor amigo. Com aqueles

Uma notícia

O Carlos Alberto de Lisboa, de quinze anos feitos, deu entrada nas oficinas da Litografia Nacional. É uma vocação decidida para trabalhos manuais. Só o muito amor pelo futuro destes Rapazes, nos leva a dispensar este da Casa de Paço de Sousa, pelo seu apuro e diligência. Em Outubro próximo, será aluno de uma escola industrial.

Eles são quatro irmãos, nas nossas casas. O mais velho, escreve de Coimbra a dar contas dos seus exames e diz assim: *A minha parcela de gratidão aumenta e só com o derramamento de sangue em sua defeza conseguirei salda-la.*

Nós não poupamos aqueles de entre os nossos, que se nos afigura terem qualidades de continuadores da *Obra da Rua*; e, até, costumamos submetê-los a grandes provas. São castigos sem pau nem pedra, os mais salutares, por serem semelhantes aos que o nosso Bom Deus inflige aos seus amigos.

A este rapaz que declara estar pronto a derramar sangue, já eu tinha feito sangue no coração Oh! Oxalá nas casas de educação identicas às nossas, se aplicassem destes castigos, para nos ficarem a querer bem pela vida fora!

II

ASSINAR

«O Gaiato» — é responder a milhares de creanças que chamam por ti. É acender o lume nas lareiras, diminuir a vadiagem, fortalecer a raça, combater perigos, evitar guerras — AMAR.

Tudo isto vem no «Gaiato».

II

escudos anónimos ou com uma legenda comemorativa: «Pelo aniversário do meu filho». «Em memória de meu pai...» Etc., etc.

Contamos com todos aqueles: «Tome lá para o ardina», que nos enchem a alma de consolações e esperanças.

Vamos multiplicar as «Casas do Ardina»! Em Julho serão duas. Em Outubro, quatro, se Deus quiser.

Duas em Lisboa, uma no Porto e outra em Coimbra.

Em Setembro teremos dois turnos de «Colónias de Férias», o que equivale a uma despesa suplementar de 16.000\$00.

E pouco mais temos do que nada para nos governarmos.

Precisamos mobília para as «Casas», géneros alimentícios, dinheiro, muito dinheiro!!

Não queremos cotas, mas precisamos de contribuições certas, muito certas! Pedimo-las a quem de direito:

Senhores Ministros!

Senhores Sub-Secretários de Estado!

Senhor Director Geral da Assistência!

Senhores Governadores Civis!

Senhores Presidentes da Câmara!

A todos recorreremos, prometendo, em paga, homens honestos, rapazes de bem à sociedade...

Maria Luísa.

P. S. — A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa um grande obrigada por quanto nos tem dado!! Bem-haja!